

BRUNA VIEIRA

Série MEU PRIMEIRO BLOG

De volta aos quinze

ROMANCE



 GUTENBERG

BRUNA VIEIRA
Série MEU PRIMEIRO BLOG

*De volta
aos quinze*

ROMANCE


GUTENBERG

*The only person you are destined to
become is the person you decide to be.*
Ralph Waldo Emerson

Para mamãe, que emprestou um lugar no seu sofá novo e me deixou lá quietinha por dias enquanto eu escrevia algumas das páginas deste livro.

Para meus leitores, que se contentaram com os posts antigos do meu blog enquanto eu me dedicava integralmente aos personagens desta história.

Para os amigos, que continuaram me chamando para sair, mesmo depois de passar um mês inteirinho trancada no meu apartamento sem nem responder à maioria das mensagens.

E eu achava que não fazia falta para ninguém!

Agradecimentos

A Rejane Dias, por ter me introduzido no mundo literário, por realizar um dos meus maiores sonhos e ser sempre tão gentil. A Margareth Cordeiro Franklin, por ter sido uma excelente professora de história e ter feito aquela indicação na hora certa.

A Ícaro Rocha, por me entender, como pouquíssimas pessoas no mundo. A Ariane Queiroz de Freitas e a Bárbara Regina, por aguentarem todo o meu drama nos piores dias. A Paula Buzzo, por me fazer acreditar nas amizades verdadeiras mais uma vez. A Gabriel Simas, por me fazer amar esta cidade.

A Alessandra J. Gelman Ruiz, por ser uma editora incrível e ter me guiado no desafio de escrever um romance – eu não teria conseguido sem você. A Willian Vieira, por me fazer me sentir tão especial quando eu era só uma menininha de óculos e ainda deixar tantas lembranças boas. A Terezinha Dias, por ter dedicado tanto tempo de sua vida na minha criação. A minha dupla de Mauros, por serem os verdadeiros caras da minha vida. A Regina Spektor, por me inspirar com suas doces canções.

A Deus, por não me deixar perder a sensibilidade, mesmo depois de mergulhar de cabeça no mundo dos adultos.

Prólogo

No labirinto das opções, no abismo das escolhas, enfim, o salto livre das consequências.

Um amigo me disse que somos o resultado da soma de todas as nossas escolhas. Das menores, que fazemos até sem perceber, e também das maiores, que exigem mais de nós, aquelas que nos roubam o sono e fazem a tarde de domingo parecer um labirinto sem fim. Segundo essa mesma teoria, nascemos todos iguais e, durante a vida, enfrentamos coisas um tanto parecidas: a morte dos nossos pais, o problema com os garotos imaturos no colégio, um amor não correspondido durante a faculdade ou, quem sabe, a demissão inesperada do emprego dos sonhos. Não necessariamente nessa ordem.

O que nos diferencia uns dos outros, disse meu amigo, é basicamente a maneira como lidamos com cada situação. As atitudes que tomamos moldam nosso futuro, descartando assim qualquer possibilidade de existência de um destino predefinido, como dizem as revistas. O que é seu, se realmente for seu, será. Mas, para isso acontecer em algum momento da história, você terá de fazer a escolha certa, no momento certo, e aceitar as consequências. E quer saber? Elas podem ser uma droga.

Teoricamente, então, seu futuro ainda não é completamente seu.

Independentemente de qual for o desafio do momento, alguém já o enfrentou antes; portanto, nunca é o fim do mundo. Na verdade, é o início de outro. Ciclos começam e terminam o tempo todo. Nós é que perambulamos entre eles tentando encontrar um lugar seguro para ficar. Um lugar em que nos aceitem exatamente como somos. Até mudarmos de opinião e precisarmos fazer as malas para um outro lugar.

Passamos a vida assim, nos adaptando ao mundo. Acumulando pessoas e histórias que um dia vamos contar para alguém. Mas, e se, por um segundo, pudéssemos fazer o caminho inverso? Ler nossa própria história e escrevê-la novamente? Ontem, com a cabeça de hoje. Será que isso resolveria? Seria essa a fórmula da

felicidade? A solução de todos os nossos problemas?
Eu queria saber.

1

Aos 30 anos, percebi que eu era exatamente a mesma pessoa de antes. Aos 30, percebi também que as pessoas ao meu redor não esperavam que eu fosse assim.

Sonhos e pesadelos começam exatamente do mesmo jeito. Em um determinado momento, você percebe que as coisas ao seu redor se transformaram. Então, não consegue mais se lembrar de como chegou até ali. Coisas maravilhosas e assustadoras podem acontecer a qualquer momento. Ainda é sua perspectiva da história, mas, de alguma maneira, você sente que aquele lugar não é seu. Antes que alguma coisa faça algum sentido de verdade, você desperta com um beliscão ou com o barulho de sempre do velho despertador. É hora de acordar para mais um dia, que você provavelmente esquecerá em algumas semanas. Bom, no meu caso, talvez isso não aconteça. Afinal de contas, não é todo dia que sua irmã se casa com o príncipe encantado. Que, não por acaso, é dono da floresta inteira e tem a coleção toda da Abercrombie no guarda-roupa.

Era manhã do dia 7 de fevereiro de 2015, um sábado abafado de verão. Passei a última madrugada dentro de um ônibus com ar-condicionado, o que significa que minha garganta estava péssima. Como de costume, antes da viagem até Imperatriz, minha cidade natal em Minas Gerais, tomei um Dramin, o que me fez adormecer logo nos primeiros minutos do trajeto. Nós nem mesmo havíamos saído do trânsito insuportável de São Paulo.

Eu poderia ter comprado uma passagem de avião, se fosse responsável e não tivesse deixado para resolver tudo na última

hora. Você sabe: férias, alta temporada, quase Carnaval, e as empresas aéreas achando que faço milagres com o meu salário. Sem chance. Prefiro gastá-lo comprando um sofá novo para a sala. *Droga!* Quando foi que minha vida se tornou tão chata a ponto de minhas maiores aquisições serem coisas para a casa?

– Acorda! – gritou minha mãe. – Você não pode se atrasar como sempre faz. Hoje, só sua irmã Luiza tem esse direito, filhota! Um dia será a sua vez!

Normalmente, as mães sonham em ver suas filhas bem, realizadas, independentes, viajadas ou qualquer coisa que as faça felizes. A minha sempre foi diferente. O que ela quer é que sejamos o centro das atenções. Certamente, sou sua maior frustração.

Eu tinha aproveitado as primeiras horas da manhã, depois de chegar de viagem, para dormir mais um pouquinho e não aparecer com lindas olheiras no casamento, e não estava nem um pouco interessada em ser a primeira da festa.

– Não ligo de ser a última da fila das madrinhas. Meu vestido não é o mais bonito. Aliás, ele nem deve estar fechando mais. – respondi, enquanto me lembrava da sacola de guloseimas que comprei e devorei durante a primeira parada do ônibus.

– Não fale bobagem. Em trinta minutos volto para te ajudar com a maquiagem. Tome banho e vista o roupão que está pendurado na porta do banheiro! – ela decretou, com ar de autoridade, e logo saiu andando, distribuindo ordens para os empregados e provavelmente para qualquer outro ser que respirasse e entrasse no roteiro criado em sua mente antes de sair da cama. Como ela consegue ser assim? Ou melhor, como aguentei por tanto tempo?

Levantei e fui logo abrindo a enorme janela do quarto. Estávamos todos hospedados em um sítio chamado Santa Amélia, próprio para festas, onde o casamento de minha irmã aconteceria. A família do noivo era dona de boa parte dos terrenos que ficam em volta da cidade. Por isso, resolveram fazer a cerimônia e a festa ali mesmo. Minha irmã sempre sonhou com um casamento de princesa. Aquele seria, então, seu próprio conto de fadas se tornando realidade.

Abri o chuveiro e senti a água fria tocar minha pele, parte por parte, até todo o meu cabelo estar molhado e eu começar a desejar que aqueles minutos durassem horas. Fechei os olhos e comecei a pensar nas coisas que estavam entaladas na minha garganta. Quando você está se sentindo mal há tanto tempo, às vezes nem consegue mais se lembrar dos verdadeiros motivos.

Listei mentalmente, enquanto espalhava xampu nos cabelos, o que tanto me afligia: meu emprego como secretária era uma droga. Eu sentia cada vez menos vontade de sair de casa e encarar aquelas pessoas. Era tudo tão monótono! Papelada, telefonemas intermináveis, reuniões agendadas... Meu chefe era um cara legal,

mas gastar tantas horas do meu dia com tudo aquilo fazia com que meus anos de faculdade de administração, aguentando provas e colegas de classe bêbados na maior parte do tempo, parecessem ter sido totalmente em vão.

Minha vida amorosa era um verdadeiro desastre. Nunca apresentei alguém para os meus pais, e isso os levava até a duvidar da minha orientação sexual. Os rapazes que conheci durante os últimos anos não conseguiram prender minha atenção por muito tempo. No começo, eu até ficava empolgada com os joguinhos de conquista, mas depois, todo o romance já concreto não passava de mera obrigação. É sempre a mesma história. Deixo de sentir aquela empolgação instantânea, sabe? Como se já soubesse o final antes mesmo de começar. Às vezes, acho que maturidade tem um pouco a ver com o tempo que levamos para gostar de alguém e confiar nessa pessoa. Eu não conseguia mais fazer isso logo de cara.

Também havia o problema com o lugar em que eu morava. A proprietária do apartamento simplesmente decidiu que não ia querer renovar o contrato do aluguel. Ou seja, eu teria de encontrar um lugar para morar no próximo mês. Eu e Catarina, a gatinha preta que adotei logo que me mudei para São Paulo.

Estava totalmente fora do ar quando ouvi um barulho na porta do quarto. Desliguei o chuveiro e consegui ouvir o que estavam dizendo. Era minha mãe, já sem paciência, pedindo para que eu abrisse a porta.

– Eu disse que não era para você demorar, Anita! Todos já estão quase prontos e você ainda nem deve ter se trocado. Abra logo para eu te ajudar com o vestido!

Não importa quanto tempo passe, sua mãe vai sempre achar que você não é capaz de se virar sozinha. Talvez ela tenha um pouco de razão.

Abri a porta, já vestida com o roupão, e desabafei:

– Não sei se o vestido ainda vai servir. Eu o experimentei faz tanto tempo... – disse, enquanto abria o fecho do saco plástico que envolvia a roupa. Era azul-marinho e tinha um decote nas costas, justinho e longo, com alguns bordados no busto. Devia ter custado mais que todo o meu salário, mas como o aluguel foi pago pelo noivo, nem me importei. Meses antes, o modelo parecia perfeito, mas agora...

– Só mais um pouquinho. Prenda a respiração, querida. – E então, olhando para o reflexo no espelho e finalmente fechando o zíper, ela disparou: – Está linda! Os rapazes vão ficar de boca aberta!

E achava bom que eu ficasse de boca fechada porque, juro, se eu comesse um daqueles docinhos com uva dentro, deliciosos por sinal, o vestido abriria e eu seria o centro das atenções. Mas não exatamente como minha mãe esperava.

Encostei a porta e reparei pela primeira vez na vista da janela. A luz do sol iluminava o quarto inteiro. Lá fora, havia um mar de árvores, pássaros cantando e uma tranquilidade que eu praticamente desconhecia. Senti o vento bater e respirei fundo, tentando me convencer de que faltavam apenas mais algumas horas de encenação.

Foi-se o tempo em que eu me sentia à vontade voltando para esta cidade, pensei.

Calcei o sapato de salto alto, peguei minha carteira prateada que estava em cima da escrivaninha, coloquei nela o batom, um analgésico e um absorvente. Por último, abri a mala e peguei minha velha companheira: uma câmera fotográfica semiprofissional da Canon.

Quando estava no alto da escada, percebi uma pequena multidão. Gostaria que os desconhecidos fossem só da família do noivo, mas pelo volume da conversa, percebi que eram todos parentes meus. Pelo menos, eles já não comentariam sobre o quanto eu cresci e virei uma mocinha, como aconteceu até meus 18 anos, quando meus peitos pararam de crescer e eu não tive mais tempo livre para participar daquelas tribos.

Eram muitos tios e primos, alguns deles eu não encontrava havia bastante tempo. As espinhas se foram, alguns quilos apareceram e muitos cabelos mudaram de cor. Na infância, eles eram minha principal referência de afeto. Agora, eram adultos com suas próprias vidas e problemas. Se não fossem as fotos do Facebook, talvez eu nem reconhecesse a maioria, admito.

– Olhe se não é a Anita, a parente que foi embora e esqueceu da gente! – disse um tio chamado Carlos, ainda com aquela velha mania de tentar ser engraçado e brincar com rimas.

– Que nada! – sorri, tentando disfarçar a reprovação embutida no comentário. Desci o último degrau da escada e, ainda com o sorriso congelado, cumprimentei um a um.

Avistei então minha prima do outro lado da sala.

Carolina estava usando um vestido verde de cetim com um laço na cintura. Ela sempre foi minha parenta mais chegada. Temos idades próximas, então crescemos gostando praticamente das mesmas coisas. Na última vez em que a vi, ela não estava tão magra e pálida. Até pensei em perguntar o motivo, mas me lembrei de que já não tínhamos mais tanta intimidade.

– Oi, Carol! Que vestido lindo! – Foi o modo que achei de quebrar o gelo.

– Obrigada, Anita, fui eu mesma que fiz! – ela disse, sorrindo.

Carol sempre gostou de moda. Desde criança levava jeito para a coisa. Teria se tornado uma grande estilista ou algo do tipo se não tivesse se casado e engravidado tão cedo.

– Da próxima vez, ligo antes para você fazer um parecido para

mim, só que tamanho 42 – brinquei, olhando para baixo, enquanto analisava minha cintura.

– Será um prazer. Eu ainda adoro costurar. É quando me lembro daqueles bons anos. Você deve imaginar que as crianças não me deixam tanto tempo livre hoje em dia.

– Imagino! Falando nisso, onde elas estão? – perguntei, olhando em volta.

– Brincando por aí – ela disse, tentando parecer despreocupada.

– Ótimo! Então, sorria para uma foto – falei enquanto ligava a câmera.

Procurei o melhor ângulo para enquadrá-la. Com uma mão na cintura e a outra segurando uma bolsa enorme que parecia estar cheia de itens do bebê, Carol sorriu e fez pose para a foto. Cliquei mais uma vez, para ter certeza de haver capturado uma boa foto.

– Ficou linda! – exclamei, mostrando o resultado no visor.

Carolina sempre foi minha prima mais bonita e extrovertida. Não precisava de maquiagem, secador ou horas na academia para ter o cabelo, o corpo e a pele mais perfeitos. Mesmo tendo envelhecido mais do que deveria nos últimos anos, criando três filhos, ela continuava inacreditavelmente bonita.

– Você deveria trabalhar com isso. Dia desses, encontrei algumas fotos que tiramos há alguns anos e me surpreendi com o seu bom gosto – ela disse sorrindo.

– Gosto muito de fotografar. Mas isso, infelizmente, nunca me deu dinheiro de verdade, né? Alguém precisa pagar minhas contas no final do mês.

Antes que eu pudesse terminar a explicação, notei que o Eduardo, o marido da Carol, se aproximava e colocava a mão em sua cintura.

– Que honra! Temos uma convidada especial no casamento – disse ele com um sorriso forçado e em um tom meio irônico.

– Existe uma lei: quando sua irmã se casa, você tem de aparecer – respondi também meio sarcástica.

– Mesmo quando você queria estar no lugar dela? – ele não perdeu a chance de me cutucar.

– Dudu, pare de falar besteiras – Carol o interrompeu, tentando aliviar a tensão da conversa.

– Não ligo, Carol, relaxa! Você e eu sabemos muito bem que tudo isso não tem absolutamente nada a ver comigo. Casar é o último item da minha lista.

– Que, pelo jeito, ainda está inteira com pendências. Ainda está naquele emprego, querida? – ele alfinetou, balançando de leve o copo de uísque em uma das mãos.

Eduardo era uma das pessoas mais arrogantes que eu conhecia. Sempre foi assim, mas com o passar dos anos parou de disfarçar quando estava perto das outras pessoas. Ele foi um dos motivos de

eu ter me afastado da Carol na nossa adolescência.

– Isso não é da sua conta – eu disse, encarando-o firmemente.

Naquele instante, duas crianças começaram a gritar e a correr entre os convidados. Uma chorava tão alto que, por alguns instantes, pensei que o vidro da janela estivesse correndo perigo de estilhaçar.

– Papai, a Júlia não quer me deixar brincar com o celular novo dela – resmungou a loirinha.

– É meu. Por que eu tenho de emprestar? Ela vai quebrar, e vocês não vão me dar outro – gritou Júlia, com uma voz estridente.

– Parem já com isso, crianças! Será que vocês não conseguem ficar um minuto sem brigar? Vão estragar o vestido e o penteado. Aliás, não sejam mal-educadas e digam oi para a tia de vocês.

Maria e Júlia então me cumprimentaram, e foram para fora da casa de cara feia. As duas estavam lindas, usando vestidos brancos rodados, feitos de várias camadas de tule. Eram as daminhas do casamento.

– Essas crianças! Tão desobedientes! Isso tem a ver com o sangue de vocês – resmungou Eduardo, e saiu logo depois, pisando duro e olhando ao redor, como se estivesse procurando alguma coisa, um garçom, mais bebidas.

– Me desculpe pelo Dudu, viu? Ele está muito nervoso ultimamente – minha prima estava sem jeito.

– Tudo bem. Já me acostumei com ele. Não esperava ouvir algo diferente disso. Além do mais, são só algumas horas – a tranquilizei, olhando para meus sapatos sem saber mais o que dizer.

– Ele é uma boa pessoa.

– É, ele é muito bom. Bom em ser um idiota – não consegui me conter. Conte até dez mentalmente, respirei fundo e segui em frente, me sentindo um pouco mal por toda aquela situação.

Por mais que eu não quisesse estar ali, fui obrigada a admitir: capricharam em cada detalhe da decoração. Tudo estava lindo, com cortinas de seda, enormes lustres de cristal e velas acesas por toda parte. Olhei em volta mais uma vez e percebi que os convidados estavam se movimentando para fora da casa. Pelo jeito, a cerimônia do casamento estava prestes a começar.

No jardim, uma fila começou a se formar. Enquanto a maioria das pessoas caminhava até seus respectivos lugares, me aproximei e me dirigi a um rapaz de terno escuro, que estava de costas, apoiado em uma coluna envolvida por pequenas flores amarelas, perto do corredor entre as cadeiras.

– Desculpe! Os padrinhos da noiva devem ficar nesta fila? – perguntei a ele, supondo que fosse também um dos padrinhos.

Antes mesmo de receber a resposta, senti um perfume estranhamente familiar, o que fez meu coração dar pequenos saltos dentro do peito. Eu definitivamente conhecia aquele cheiro.

– Sim, senhorita! – ele respondeu, se virando para mim.

Encarei-o por alguns instantes, mal conseguindo acreditar no que estava vendo. Era bom demais para ser verdade! Era bom demais para acontecer comigo! Meus olhos percorreram seu rosto e seu corpo. Pisquei com força só para ter certeza de que não era alucinação. Mas era mesmo ele.

Sim! Sim! Sim! Aquele indivíduo que estava parado bem na minha frente era *o meu melhor amigo!*

– Henrique! – gritei entusiasmada, como se não houvesse ninguém por perto.

Ele estava igual à última vez que o vi, alguns anos antes de ele ir morar fora do país: cabelos escuros, levemente encaracolados, o queixo e o nariz finos, o que tornava seus traços delicados, mas nem tanto. As mesmas bochechas rosadas, a pele lisa, sem nenhum sinal de barba. Os óculos pretos de grau, com armação bem grossa, eram novidade, e davam a ele um ar meio nerd, mas muito charmoso. Ele estava usando um terno preto que parecia ser um tamanho maior do que deveria. Ou talvez fosse só impressão minha, já que seus braços e suas pernas eram bem finos e talvez não existisse uma numeração menor na loja. De uma coisa eu tinha certeza: aquele traje não tinha absolutamente nada a ver com ele. Pelo menos até onde eu o conhecia.

Ele se aproximou de mim com um sorriso estonteante e me deu um abraço de urso.

– AI-MEU-DEUS! Quando foi que você chegou? Por que ninguém me avisou que você viria? Por que você não me falou? Eu te odeio, seu idiota! – suspirei aliviada. Até que aquele não seria um dia tão ruim assim.

– Era para ser surpresa, oras! Além do mais, não nos vemos há muito tempo e até os últimos minutos eu não tinha certeza se eu realmente conseguiria embarcar. Se eu te decepcionasse mais uma vez, com certeza você me odiaria para sempre.

Eu não o via pessoalmente desde que ele se mudou definitivamente para a França, havia alguns anos, para fazer mestrado em Música. Henrique viajou inicialmente para ficar alguns meses, estudando, mas acabou arrumando um bom emprego como professor e se mudou de vez.

Foi uma das épocas mais complicadas da minha vida. Não cheguei a consultar um psicólogo, mas tenho absoluta certeza de que, por alguns meses, estive em depressão. Não contei para ninguém porque, óbvio, não entenderiam e diriam que sou uma adulta imatura, que não consegue lidar com perdas. Além do mais, se eu contasse para o Henrique – afinal, ele era meu melhor amigo –, isso poderia fazer com que ele se sentisse culpado e talvez até não aceitasse a proposta de ir para Paris. E é claro que eu não queria que isso acontecesse.

– Você é inacreditável! E eu achando que este casamento seria um saco! – respirei bem fundo, deixando escapar um leve sorriso.

– Não diga isso, vai! Sua irmã está muito feliz. E, só para te deixar alegre, ela me enviou um e-mail contando do casamento e me convidando para ser padrinho com você. Eu já queria vir havia algum tempo, então juntei as duas coisas e cá estou eu – ele disse, apontando para si mesmo.

Aquela era mais uma surpresa. Não sabia que minha irmã se importava tanto assim comigo e com meus sentimentos. Tá bom. Quando ela me disse que já tinha convidado alguém para fazer par comigo, sem me contar quem era, pensei que ela só estivesse me impedindo de trazer algum dos meus “pretendentes” da capital para estragar sua festinha.

– Você precisa me contar tanta coisa... – eu disse, enquanto enganchava meu braço no dele.

– Bom, como eu te falei pelo Facebook, o emprego vai bem. Cada vez me apaixono mais pela cultura europeia. Pego um trem e conheço um novo país a cada final de semana. Aliás, preciso te mostrar alguns vídeos que fiz dos meus alunos tocando. Eles são incríveis! Como você já sabe, agora que terminei o mestrado tenho mais tempo livre. Aquele meu convite para você passar as férias lá ainda está de pé, viu? – ele me fitou com a expressão séria.

Se eu ganhar na loteria, quem sabe eu vou, pensei.

– Ah, sim, claro. Ainda estou pensando na melhor data. Não é tão simples conseguir folga lá na empresa. Cada vez é mais trabalho – tentei justificar.

– Não me venha com as mesmas desculpas de sempre. Faz tempo que você promete e nunca aparece. Até sua irmã já me disse que vai passar as próximas férias lá. Pena que já compraram a viagem de lua de mel na Itália.

– Pois é! Aí eu encontraria um jeito de me enfiar na mala e embarcar com eles. Bom, teria de ser uma mala *beeem* grande – eu disse, rindo e esticando meus braços na horizontal, chamando mais atenção do que pretendia.

Henrique então riu alto e me abraçou, confessando que sentia muita falta dos meus exageros. Isso me fez perceber que havia meses que eu não fazia ninguém rir daquele jeito. É como se ele tivesse o dom de trazer de volta meu bom humor e minha vontade de viver e levar alegria aos outros.

– Será que tem comida neste casamento? Nem consigo descrever a saudade que sinto de comer arroz e feijão quentinhos.

– Então você sente mais falta do arroz e do feijão que dos amigos? – brinquei.

– Claro que não, bobinha! – ele disse, me abraçando de lado, apertando forte meu ombro com a mão.

Conversamos por mais alguns minutos até que deram o sinal

para a entrada dos padrinhos. A cerimônia inteira durou cerca de uma hora e meia, e minha mãe chorou durante cada segundo. Senti um pouquinho de vergonha, para falar a verdade. Ninguém se manifestou naquela parte em que o padre diz “diga agora ou cale-se para sempre”. Ainda bem, pois seria uma vergonha ainda maior. Na saída, jogamos arroz nos noivos, mas não só neles, como todos os outros convidados fizeram. Jogamos um no outro também, de farra, para matar a saudade de nossas brincadeiras.

Passaram-se só alguns minutos, e nós já estávamos sentados ao redor de uma das mesas redondas que foram espalhadas pela grama. Em cima de cada uma delas havia um vaso dourado com rosas vermelhas. Ao som de “Whisky A Go Go”, do Roupas Nova, banda dos anos 80, voltamos a conversar.

Algumas amizades independem do tempo ou da convivência. Às vezes, o que nos aproxima das pessoas é o simples fato de confiarmos plenamente nelas. Eu e o Henrique nos conhecemos na faculdade e, mesmo com a distância atual, mantínhamos nossa amizade e admiração, e a internet de vez em quando nos salvava e ajudava a diminuir a saudade. Mas reencontrá-lo trazia a sensação de que nunca estivemos longe um do outro. Já não gostávamos do mesmo estilo musical, nem do mesmo restaurante. Também não compartilhávamos a melhor viagem das nossas vidas, mas conhecíamos tanto um ao outro que éramos incapazes de fazer qualquer julgamento. E isso era o mais importante.

Minha mãe então nos interrompeu ao pedir a atenção de todos para anunciar a chegada dos noivos, que iriam cumprimentar os convidados. Vi minha irmã radiante se aproximar da mesa ao nosso lado, para cumprimentar os familiares. Ela havia trocado de vestido, para um mais prático de se movimentar, sem véu. Era lindo também, com aplicações nas alças.

– Ela parece estar muito feliz – Henrique disse, observando a mesa ao lado.

– Sim. Eles namoram faz muito tempo, né? – concordei.

– Não. Eu estava falando da sua mãe – ele me fitou.

Me virei e notei que minha mãe estava grudada na Luiza como um carrapato. Sem sombra de dúvidas, para sair em todas as fotos.

– Não se preocupe. Às vezes até eu confundo de quem é o casamento – retruquei.

– Não exagere, Anita. Eu só não a vejo assim desde que... Você sabe.

– É – digo, tentando disfarçar o quanto me lembrava daquele assunto ainda me deixava triste.

– Desculpe – Henrique desviou o olhar, totalmente sem graça.

– Imagina! Tudo bem. Você não fez absolutamente nada – tranquilizei meu amigo, e ficamos em silêncio por alguns instantes.

– Henrique, preciso ir ao banheiro. Me dá licença um instante? –

me levantei, tentando me equilibrar no salto, andando em passos curtos pelo caminho com pequenas pedras que ia até a porta de uma das casas do sítio.

Olhei para trás e tive uma visão panorâmica da festa. Tudo ali lembrava meu pai, que não me saía da cabeça. E pensei em como eu seria mais feliz se ele estivesse ali. Mesmo depois de tantos anos, meu coração ainda ficava apertado quando me lembrava da morte dele, principalmente em uma ocasião como aquela. Era impossível não imaginar como tudo seria diferente se ele ainda estivesse ao nosso lado. Ao *meu* lado.

Abri a porta do banheiro e escutei alguém chorando bem baixinho. O som vinha de um dos reservados. Empurrei a porta de cada um deles até chegar ao último, onde me deparei com a Carol, sozinha, sentada sobre a tampa do sanitário com as mãos no rosto, soluçando.

– Meu Deus! O que aconteceu com você? – eu disse, enquanto a segurava pelos braços e tentava levantá-la. Tirei a câmera do pescoço, pus em cima da pia e joguei meus sapatos de salto longe. Já fora do reservado, sentei-a no banco que havia ao lado das pias, fiquei junto dela e dei um abraço bem apertado. Ela apenas chorava.

– O que aconteceu? Foi aquele idiota? – disse a primeira coisa que me veio à cabeça enquanto tentava, com os dedos, limpar as lágrimas pretas de rímel que escorriam dos olhos dela. – Vai borrar toda a sua maquiagem desse jeito.

– Não foi ele, e ele não é um idiota. Só não estou me sentindo muito bem. É... cólica – disse ela, pressionando o abdômen com as mãos.

– Não minta para mim – retruquei, nervosa e impaciente. – Eu sei que tem alguma coisa errada aqui, e a senhora vai me dizer agora mesmo. Nunca te vi assim nesse estado. Eu só quero te ajudar!

Ela me olhou por alguns instantes e, então, seu semblante mudou completamente.

– Dá para não se intrometer na minha vida? – ela disse devagar, com a expressão séria e um olhar fulminante. – Se tem alguém aqui que precisa de ajuda, esse alguém é você, não eu. Tenho uma família para cuidar. E dá licença! – Ela levantou em disparada para o espelho enquanto tentava limpar o rosto borrado.

– Não seja tão má comigo, Carol. Só estou tentando te livrar desse peso. Você não merece viver as consequências de uma escolha errada pelo resto da vida. Não em pleno século XXI – eu disse, me aproximando dela para tentar afastar uma mecha de cabelo que caía em seu rosto.

– Ajudar? Só aceito ajuda de quem entende mais desta vida que eu. Vou seguir seus conselhos pra quê? – ela explodiu, parecendo

que queria realmente me machucar. – Me diz, Anita, o que você construiu nestes últimos anos? Absolutamente nada. Você só enxerga problemas em mim, como sempre, para não olhar para os seus próprios problemas! É a última vez que vou dizer – e então ela gritou: – me deixa em paz!

Teoricamente, eu sabia que ela estava enganada. Na prática, porém, aquelas últimas palavras me atingiram em cheio, como uma bala, e me feriram profundamente. Meu coração ficou ainda mais apertado. Minhas mãos tremiam de um jeito que eu não conseguia controlar.

Será que eu odeio tanto o marido dela porque sinto inveja? Será que sou mesmo uma pessoa tão ruim e egoísta assim? Algo de muito mal devo ter feito, para minha prima explodir daquela maneira, já que minutos antes ela parecia tão amável..., fiquei pensando, completamente atordoada.

Então, eu estava sozinha no banheiro, sem saber como reagir a tudo aquilo. A pontinha de empolgação que preenchia meu coração pela presença do Henrique na festa desapareceu instantaneamente. Tranquei a porta. Eu estava acabada, descalça, na frente do espelho. Não conseguia mais controlar minhas lágrimas. Elas iam de encontro à pia, uma após a outra, e eu só conseguia observar o reflexo do espelho. Era como se aquelas lágrimas não fossem minhas. Era como se o próprio reflexo não fosse meu.

Depois de alguns minutos, já exausta, suspirei e finalmente fui fazer o que deveria ter feito quando passei pela porta do banheiro, e entrei no reservado. Depois, enquanto lavava minhas mãos, senti falta de alguma coisa. Eu estava segurando algo quando entrei ali. A câmera fotográfica. Virei e a vi no cantinho da pia. Apanhei-a e suspirei aliviada. Não teria grana para comprar outra tão cedo.

Mas eu não queria sair de lá e enfrentar as pessoas, seus sorrisos, suas conversas altas, suas risadas que revelavam que estava tudo bem, que a vida era boa e elas eram felizes. Então, para esfriar a cabeça, decidi olhar as fotos que havia tirado até aquele momento.

Pássaros, caretas, paisagem, maquiagem que fiz para o casamento, alguns convidados e, então, aquela foto que tirei por último, da Carol. Senti uma pontada de raiva, mas ela desapareceu rapidamente quando dei um zoom na foto ao reparar em um estranho hematoma no braço direito dela. *Não pode ser.* Fui para a foto anterior, e naquela o hematoma parecia ainda mais evidente.

Aquilo foi a gota d'água. Eu não iria ficar em silêncio enquanto minha prima chorava escondida por aguentar agressões de um marido daqueles. Saí furiosa do banheiro. Nem conseguia respirar direito. A porta bateu com toda força. Fiquei imaginando a cena mil vezes. Ele, talvez na frente das crianças, gritando e empurrando a Carol contra a parede.

Olhei a multidão e tentei encontrá-lo. Vi o Henrique ainda sentado à mesa, sozinho, olhando algo no celular. Voltei o olhar para a multidão que estava em pé. Próximo ao bar, avistei o Eduardo. Pela primeira vez no dia, não me esforcei para andar como uma *lady*. Tinha coisas mais importantes com que me preocupar. Fiz de volta em poucos segundos aquele mesmo trajeto de pedras, já que estava descalça, e logo cheguei, passando pelo meio de todos os outros convidados, na frente dele.

– Você é um estúpido! Vou ligar agora mesmo para a polícia! – disse, empurrando-o com toda a minha força em direção à mesa de bebidas. – Você não merece estar nesta família. Não merece ter os filhos que tem! – falei gritando e encarando-o firmemente.

Algumas taças se quebraram, e todos os convidados pararam de falar e olharam para mim. Eu não me importava com mais nada. Algo sério estava acontecendo ali e, pela primeira vez na vida, sentia que eu era a única que poderia resolver.

– Do que você está falando, minha filha? – Eduardo falou, segurando minhas mãos e levantando-as para o alto, me imobilizando sem precisar fazer muita força. – O que foi? Esqueceu de tomar seu remédio hoje?

– Mas você é um cínico mesmo! Como minha prima foi se apaixonar por um monstro como você? Eu deveria ter impedido enquanto podia... – berrei, completamente fora de mim e provavelmente vermelha de tanto gritar.

A essa altura, todos já estavam ao nosso redor. Minha mãe gritava e ordenava que eu fosse para dentro da casa. Minha irmã chorava, e Douglas, seu segundo marido, segurava suas mãos. Carol estava ao lado da mesa do bolo, a poucos metros de mim, observando incrédula tudo acontecer. Era como se aquilo fosse um pesadelo a que ela estivesse apenas assistindo e do qual fosse acordar em alguns minutos, já que tudo era apenas fruto da sua imaginação.

Senti alguém me segurar pelos braços e, graças ao perfume, reconheci o Henrique. E uma vergonha enorme começou a tomar conta de cada partezinha do meu corpo, do dedão do pé até a pontinha do fio mais comprido do meu cabelo. As pessoas pareciam ignorar o que eu tinha acabado de descobrir. Mostrei a foto para todos, como uma prova do que eu estava defendendo, mas nada mudou. Era como se gritar feito uma louca no casamento da irmã fosse mais sério que apanhar do marido na frente das crianças. As pessoas falavam sobre o quanto eu precisava de ajuda. Então, tudo começou a escurecer. Eu não conseguia mais respirar direito. Também não conseguia mais entender o que eles estavam querendo dizer. De repente, perdi a consciência.

Apaguei.

Quando voltei a mim e abri os olhos, percebi que estava sozinha, deitada, enxergando o teto do mesmo quarto em que havia acordado mais cedo naquele dia, só que agora com um vestido de festa. Olhei pela janela e, pela escuridão lá de fora, percebi que já era noite.

Uma sensação horrível preencheu meu peito. Ajoelhei na cama e espiei pela janela para tentar descobrir se a festa havia acabado graças à burrada que fiz ou se os convidados ainda estavam lá. Escutei uma música alta vinda lá de fora e algumas risadas. Tudo parecia estar de volta ao normal, como se nada tivesse acontecido. Ou melhor, como se *eu* não tivesse acontecido.

Me levantei da cama e dei alguns passos até a porta da suíte. Me assustei com o reflexo que vi no espelho. Eu estava realmente acabada. O penteado se desfez e, por causa do laquê, meu cabelo estava um completo desastre. Havia rímel na bochecha, batom no queixo e muita, muita dor de cabeça.

Como as coisas chegaram a este ponto?, me perguntei.

Não senti a mínima vontade de voltar para a festa e me desculpar. Para falar a verdade, eu já não sentia vontade de fazer coisa alguma. Nem o fato de estar mais perto da hora de voltar para São Paulo me animava. Tentei pensar em algo bom, mas aí percebi que nada mais na minha vida me deixaria realmente empolgada.

Eu queria tanto ter uma segunda chance! Queria dar um “ctrl+z” na vida e desfazer algumas ações, para poder mostrar às pessoas quem eu realmente era. O problema é que nem eu sabia muito bem.

Eu não me reconhecia mais. Todos os últimos acontecimentos da minha vida me mostravam que eu havia feito péssimas escolhas. O garoto errado. As amigas erradas. O curso errado na faculdade. Eu sentia que havia passado a vida toda esperando alguma coisa acontecer. E, naquele momento, eu achei que estava fadada a ser sempre uma fracassada. A titia. Ou pior: a titia louca.

Sentei na cama novamente, respirei fundo, olhei para a mesa ao lado na cama e vi meu notebook. Decidi ligá-lo. Ainda faltavam muitas horas para o horário do meu ônibus de volta, que só sairia no início da noite do dia seguinte, então, pelo menos algumas delas eu passaria me distraindo na internet. Pluguei meu modem 3G na entrada USB, e logo em seguida surgiu uma janelinha na lateral inferior da tela avisando que eu havia recebido um novo e-mail.

Cliquei e fui ver. Era da Helena, uma das únicas amigas de colégio com quem eu realmente continuei conversando depois de adulta. É curioso: quando estamos na escola, temos a ingenuidade de achar que tudo vai durar para sempre. Mas nossos sentimentos são muito intensos e instáveis, e os hormônios não perdoam. Aí vem a formatura, a faculdade, o primeiro emprego... E nos damos

conta de que a maioria dos medos e das inseguranças que tanto nos assombravam eram bobagens perto do que viria depois.

Nosso amor platônico do sexto ano se transforma em um cara besta que só quer saber de baladas e bebidas. Nossa melhor amiga, aquela com quem brincávamos de boneca e fazíamos planos sobre ser nossa madrinha de casamento, no ensino médio se apaixona pelo mesmo cara que a gente e então, de uma hora para a outra, se transforma em nossa pior inimiga. Os grupinhos se desfazem porque os populares precisam de nota, porque a faculdade fica em outra cidade ou porque alguns percebem o quão idiota é dividir pessoas por categorias. É a vida.

Mas, por algum motivo misterioso, a Helena havia sobrevivido a tudo aquilo e ainda tinha paciência para o meu drama diário. Como nós duas fomos morar em São Paulo mais ou menos na mesma época, acabamos nos unindo ainda mais.

Confesso que no primeiro momento imaginei que o e-mail que havia acabado de chegar fosse uma bronca. Pensei que minha mãe houvesse telefonado para a Helena contando tudo e pedindo ajuda. Mas li o assunto e vi que estava enganada.

De: Helena Freitas

Para: Anita Rocha

Enviada em: 7 de fevereiro de 2015, sábado

Assunto: É seu blog?

E aí amiga? Como foi o casamento? Já acabou? Quando tiver um tempinho, dá uma olhada no que achei aqui hoje mais cedo. É SEU, NÉ??!!!!

Lembra do dia do trote? kkkkkkkkkkkk

<http://www.meuprimeiroblog.com>

Até segunda. Você volta amanhã mesmo, né?

Quero saber se encontrou algum gato nessa festa aí.

Mande um beijo para sua irmã.

Helena

Abri o link no mesmo segundo e aguardei a página carregar, sem nem piscar os olhos. A velocidade da internet lá era uma droga, então fiquei observando os elementos surgirem lentamente na tela.

Quando li o título do texto, meu coração bateu forte. Pois as emoções da época voltaram, e por instantes me esqueci de tudo o que havia acontecido: aquele realmente era o blog que eu havia feito na minha adolescência.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "De volta aos quinze"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).